

RELATÓRIO
MENSAL GERENCIAL
A1 RF ATIVA

MARÇO 2026

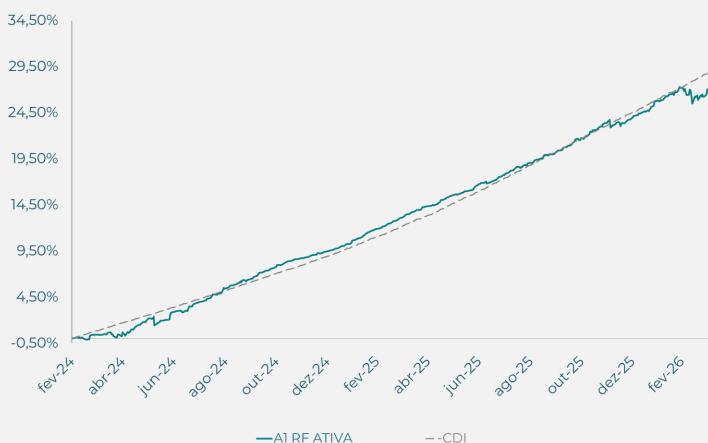
Sobre

O **AI RF Ativa** é um fundo de Renda Fixa Ativa com estilo de gestão macro trading, que atua em posições mais curtas e ágeis nos mercados de renda fixa local. O fundo pode ter exposição a ativos de crédito e conta com um processo de investimento baseado em decisões técnicas, resultantes das discussões entre as equipes de gestão e research proprietária.

Rentabilidade

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Acumulado
2026	1,54%	1,09%	-0,13%										2,52%	27,06%
CDI	1,16%	1,00%	1,21%										3,41%	28,78%
%CDI	132,17%	109,68%	-10,63										73,76%	94,01%
2025	1,08%	1,11%	1,11%	1,09%	1,02%	1,02%	0,86%	1,12%	0,93%	1,33%	1,35%	0,44%	13,19%	23,94%
CDI	1,01%	0,99%	0,96%	1,06%	1,14%	1,10%	1,28%	1,16%	1,22%	1,28%	1,05%	1,22%	14,31%	24,53%
%CDI	106,79%	112,95%	115,28%	103,11%	89,68%	93,46%	67,25%	96,61%	76,50%	104,25%	127,82%	35,95%	92,19%	97,58%
2024			0,44%	0,25%	1,50%	0,65%	1,07%	1,39%	0,98%	1,28%	0,84%	0,71%	9,49%	9,49%
CDI			0,83%	0,89%	0,83%	0,79%	0,91%	0,87%	0,83%	0,93%	0,79%	0,93%	8,94%	8,94%
%CDI			53,23%	28,38%	179,50%	83,01%	118,16%	160,73%	117,57%	137,51%	105,98%	76,39%	106,18%	106,18%

Rentabilidade Acumulada vs. CDI (%)



Estadísticas

	No ano	Acumulado
Retorno	2,52%	27,06%
Desvio Padrão ¹	3,25%	1,80%
Índice de Sharpe ²	-0,56	-0,404
# de meses acima do CDI	2	14
Maior rentabilidade mensal	1,54%	1,54%
Menor rentabilidade mensal	-0,13%	-0,13%
PL atual do Fundo ³		R\$ 12.184.114,30
PL médio 12 meses ³		R\$ 18.973.687,91
PL atual da Estratégia ³		R\$ 90.936.715,02

1. Anualizado
2. A taxa livre de risco utilizada é o CDI
3. Data base: 31/03/26

Cenário Atual

Em março, os mercados internacionais foram dominados pela intensificação do conflito no Oriente Médio, que se espalhou por diversos países da região e elevou significativamente o grau de incerteza global. O principal foco de tensão permaneceu na interrupção do fluxo de transporte de petróleo e derivados pelo Estreito de Ormuz, um canal crítico para o abastecimento energético global. Apesar dos esforços diplomáticos em curso, a situação segue fluida, com elevada incerteza quanto à duração do conflito e aos seus impactos sobre a oferta de petróleo, bem como sobre os custos de fertilizantes e produtos agrícolas.

Nesse ambiente, o Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada no intervalo entre 3,50% e 3,75% ao ano, indicando que a política monetária está bem posicionada para observar os efeitos do choque de oferta sobre a inflação e a atividade. Embora os investidores tenham reagido retirando da curva a precificação de cortes de juros — sob a leitura de que o Fed deveria priorizar o combate à inflação — entendemos que o impacto sobre o núcleo inflacionário tende a ser moderado. Além disso, um petróleo persistentemente acima de US\$ 100 por barril pode gerar efeitos relevantes sobre o consumo das famílias.

Diante desse cenário, consideramos pouco provável que o Fed eleve os juros neste ano, podendo inclusive voltar a reduzi-los caso identifique deterioração mais intensa no mercado de trabalho, potencialmente amplificada pelo avanço da inteligência artificial e pelo aperto das condições financeiras e da oferta de crédito privado. O aumento da aversão ao risco levou à queda das bolsas americanas e à valorização do dólar.

No Brasil, a disparada do preço do petróleo também provocou uma reprecificação relevante da curva de juros local, com os investidores reduzindo de forma significativa as expectativas de cortes para 2026. O real, por sua vez, manteve-se relativamente estável ao longo do mês, sustentado pelo fato de o país ser exportador líquido de petróleo e pelo elevado diferencial de juros.

Apesar das pressões inflacionárias decorrentes do cenário externo, o Copom decidiu seguir a sinalização previamente indicada e iniciou o ciclo de flexibilização monetária, ainda que de forma cautelosa, com a redução da taxa Selic em 25 pontos-base, para 14,75% ao ano. O comitê destacou que o elevado patamar inicial dos juros permite a continuidade do processo de cortes nos próximos meses, à medida que novas informações sobre a guerra e seus impactos sejam incorporadas ao cenário e a incerteza diminua. A decisão reforça a estratégia de acomodar o impacto primário de um choque de oferta e focar na contenção dos efeitos secundários sobre a inflação.

Para abril, os mercados internacionais devem seguir condicionados aos desdobramentos do conflito no Oriente Médio e às suas implicações para a oferta global de petróleo. A normalização do fluxo de transporte no Estreito de Ormuz permanece como condição necessária para uma queda sustentada dos preços da commodity. Na ausência de uma solução que permita a reabertura plena da rota marítima, o choque de oferta tende a se intensificar, mantendo elevada a volatilidade dos mercados e exigindo postura mais tática por parte dos investidores.

No Brasil, os ativos domésticos devem continuar reagindo predominantemente ao cenário externo. O Copom deverá dar continuidade ao ciclo de cortes de juros, embora o ritmo dependa de forma crucial da trajetória do petróleo e de seus impactos sobre a inflação. Com o Brent acima de US\$ 100 por barril, nosso cenário base contempla corte de 25 pontos-base na próxima reunião. Em caso de uma resolução mais favorável do conflito até lá, abrindo espaço para queda dos preços de energia, o comitê poderá acelerar o ritmo para 50 pontos-base. Consideramos improvável a interrupção do ciclo, dado o caráter ainda bastante restritivo da política monetária. Nossas coletas indicam que a inflação cheia permanecerá pressionada no curto prazo, refletindo aumentos nos preços de combustíveis e alimentos, mas sem alteração relevante na trajetória dos núcleos. Revisamos nossa projeção para o IPCA de 2026 de 3,9% para 4,6%, incorporando os efeitos dos preços mais elevados de petróleo e fertilizantes no mercado global.

Comentário Mensal

Renda Fixa

Na renda fixa local, apesar da redução das posições implementadas ao final de fevereiro, registramos **perdas** nas posições aplicadas em juros futuros ao longo de março. Dados de inflação mais elevados, combinados à forte alta do petróleo em função da guerra no Irã, impactaram significativamente o mercado de juros no Brasil.

A expectativa de início do ciclo de cortes da taxa Selic se confirmou, com o Copom reduzindo a taxa básica de 15,00% para 14,75%. No entanto, a magnitude do corte ficou abaixo do esperado pelo mercado (-50 bps ao final de fevereiro), contribuindo para a abertura das taxas futuras.

Para os próximos meses, entendemos que o preço do petróleo seguirá influenciando as expectativas de inflação no curto prazo. Ainda assim, com a percepção de que o conflito no Irã caminha para uma resolução, mantivemos as posições aplicadas, esperando a continuidade do processo de flexibilização monetária em linha com a sinalização do Banco Central. Com o objetivo de proteger a carteira de cenários de estresse associados a eventuais medidas de expansão fiscal no Brasil, mantivemos posições aplicadas na inclinação da curva de juros futuros (steepening).

Crédito

Seguimos com a avaliação de que o mercado de crédito apresenta elevada assimetria, diante do nível atual de spreads. Em março, observamos pela primeira vez após vários meses de estabilidade uma abertura consistente, marcando uma mudança relevante na dinâmica recente do mercado.

Os spreads de emissores AAA abriram 15 bps, os de AA — bastante impactados pelo movimento em Hapvida — abriram 63 bps, e os de A, 11 bps. No agregado, a abertura foi de 27 bps, patamar elevado. Mantemos viés negativo para nomes AAA de duration longa, cujo prêmio permanece bastante baixo, tanto em relação aos níveis históricos quanto ao prêmio por duration das próprias curvas de spreads dos emissores. Ainda assim, aumentamos marginalmente a exposição a esses nomes ao longo do mês, aproveitando a abertura observada. Com isso, voltamos a um nível de duration semelhante ao de dez/24. Importante destacar que, nos nomes AAA, o risco predominante é de mercado/duration, e não de crédito.

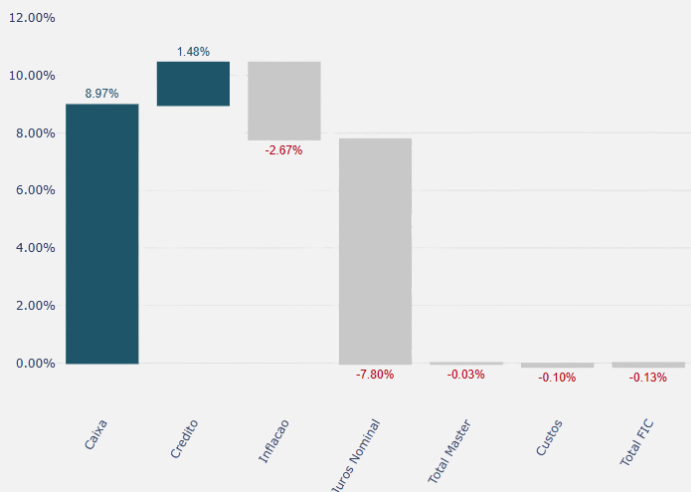
Identificamos oportunidades específicas em alguns nomes AA e A, especialmente naqueles que apresentam elevada solidez operacional, boa bancabilidade, governança adequada e liquidez, mas que ainda sofrem pressão decorrente das elevadas despesas financeiras. Temos direcionado nossos esforços para separar o joio do trigo nesses emissores, buscando capturar o carregamento elevado e o potencial fechamento de spreads no médio prazo.

Esperamos que o mercado de crédito continue apresentando episódios de volatilidade nos próximos meses, seja pela redução do ritmo de captação, seja pelo carregamento ainda baixo dos fundos com patrimônio elevado. Também projetamos deterioração adicional nos resultados das empresas mais alavancadas ao longo de 2026, em função do nível elevado da Selic e da menor disposição dos bancos em expandir crédito. Observamos diversos papéis negociando entre 30% e 70% do par nos últimos meses, em setores como saúde, varejo, logística e agro, e novos casos de estresse podem surgir. Nesse contexto, a postura mais prudente segue sendo fundamental.

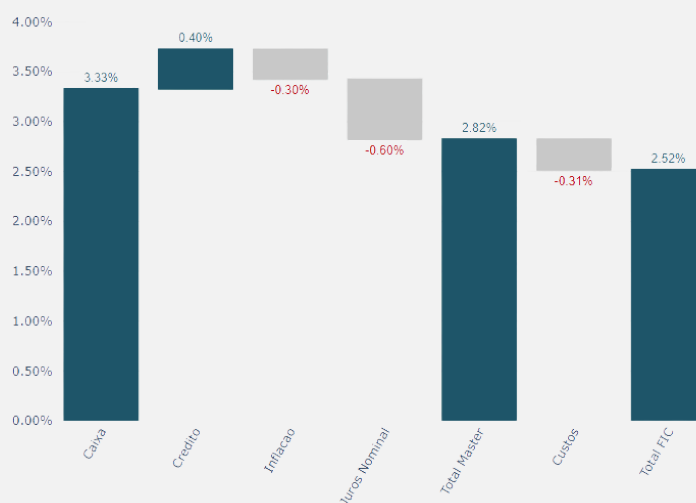
Em março, houve novos episódios de volatilidade nos spreads de alguns grupos, como Hapvida, CSN e, ao final do mês, Aegea. Temos exposição apenas a Aegea.

Manteremos a estratégia que tem se mostrado vencedora nos últimos meses: aproveitar momentos de maior volatilidade para realizar alocações táticas, preservando ao mesmo tempo um portfólio defensivo. Para os próximos meses, esperamos um ambiente ainda marcado por spreads baixos e deterioração gradual dos resultados operacionais e financeiros das empresas.

Atribuição de Performance - Março de 2026



Atribuição de Performance - 2026 Acumulado



Informações Gerais

Início do Fundo

29/02/2024

Público alvo

Público em geral

Classificação ANBIMA

Renda Fixa Duração Alta Crédito Livre

Código ANBIMA

747904

CNPJ

53.847.813/0001-88

ISIN

BR018ICTF007

Tributação

Longo Prazo

Características Operacionais

Movimentações¹

Inicial: R\$ 1.000,00
Adicional: R\$ 1.000,00
Saldo Mínimo: R\$ 1.000,00

Horário limite de movimentação para aplicação e resgate

14:30

Conversão da cota na aplicação

D+1, fechamento

Conversão da cota no resgate

D+0, fechamento

Data de pagamento do resgate

1º (primeiro) dia útil subsequente à Data da Conversão (D+1)

Taxa de administração

0,90% a.a.

Prêmio de performance

20,0% do que exceder ao CDI, paga semestralmente ou o resgate das cotas

1. Taxa de Administração Máxima: 1,1% a.a.

Gestor

Asset 1 Investimentos LTDA

CNPJ: 35.185.577/0001-08

Rua Minas de Prata, 30 - Sala 161

São Paulo – SP – Brasil

CEP 04552-080

T. +55 11 4040-8920

www.asset1.com.br

Administrador

Intrag DTVM Ltda.

CNPJ: 62.418.140/0001-31

Av. Brigadeiro Faria Lima, nº 3.400 - 10º andar

São Paulo – SP – Brasil

CEP 05426-200

www.intrag.com.br

Custodiante

Itaú Unibanco S.A.

CNPJ: 60.701.190/0001-04

Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100

Torre Olavo Setubal

São Paulo – SP – Brasil

CEP 04344-902

www.itaub.com.br



As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser entendidas como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativos. Leia a Lâmina de informações essenciais e o Regulamento dos Fundos antes de investir e para mais informações consulte o website do administrador e da CVM (www.cvm.gov.br). Fundos de investimento não contam com a garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou fundo garantidor de crédito – FCC. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. Rentabilidade mensal calculada com base na cota do último dia útil do mês, líquida de administração e performance e bruta de impostos. Caso o índice comparativo de rentabilidade utilizado neste material não seja o parâmetro objetivo do fundo (benchmark oficial), tal indicador é meramente utilizado como referência econômica.